

TRADUÇÃO DIRECTA OU INDIRECTA? A RECEPÇÃO DA (PRIMEIRA) OBRA DE FRIEDRICH DÜRRENMATT EM PORTUGAL

Micaela da Silva Marques Moura
Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto
Portugal
micaela.marques.moura@gmail.com

Sinopse

Neste artigo será feita uma breve apresentação da recepção e da tradução da obra de Friedrich Dürrenmatt (Suíço, 1921-1990) em Portugal, nomeadamente da primeira peça de teatro. Salienta-se, sobretudo, a questão das traduções chegarem a Portugal por via directa ou indirecta.

Palavras-chave: Tradução, Recepção, Friedrich Dürrenmatt, Teatro, Portugal

Abstract

Im folgenden Aufsatz wird die Rezeption und die Übersetzung der Texte Friedrich Dürrenmatts (Schweizer, 1921-1990) in Portugal kurz vorgestellt, namentlich des ersten Theaterstückes. Es wird hauptsächlich die Frage, ob es sich um direkte oder indirekte Übersetzungen handelt, hervorgehoben.

Schlüsselwörter: Übersetzung, Rezeption, Friedrich Dürrenmatt, Theater, Portugal

Introdução

Friedrich Dürrenmatt (1921-1990) é um dos poucos autores suíços do século XX conhecidos do grande público português. Apesar da distância geográfica relativamente curta entre Portugal e a Suíça, foram poucos os escritores helvéticos de expressão alemã que conseguiram chegar até ao nosso país (cf. Vilas-Boas, 2003: 70).

Um dos principais obstáculos foi o próprio Alemão, língua pouco ensinada no Portugal de então, sendo dada primazia à língua francesa e inglesa.

Se, por um lado, a língua alemã por si só já era um factor de entrave, também, e, por outro lado, a censura⁷¹ que presidiu em Portugal de 1926 até à queda do Estado Novo dificultou a publicação de livros e a representação de certas peças de teatro. Isto porque, como explica Luíz Francisco Rebello,

“o regime derrubado em 25 de Abril hostilizava, na realidade, o teatro, por temer o seu poder de penetração junto das massas, de que possuía uma assustadora consciência” (1977: 12).

Em finais dos anos 50, para além destas duas razões já nomeadas, outro factor contribuiu para que nem todas as peças de teatro fossem representadas em Portugal, nomeadamente, como Redondo Júnior (cf. 1958: 271) elucida, a própria estrutura e a actividade das empresas do teatro, cujos empresários tinham exclusivamente interesses económicos e “seleccionavam os espectáculos que produziam em função da sua previsível rentabilidade, condicionando-os assim aos gostos e preferências do público burguês a cujo consumo se destinavam” (Rebello, 1977: 25). Excepções a estas empresas são

⁷¹ Com a publicação do Decreto n.º 13 564 instituiu-se a censura prévia aos espectáculos, ordenando a proibição de todos que fossem considerados «ofensivos da lei, da moral e dos bons costumes» a fim de «impedir a perversão da opinião pública» (cf. Dicionário de História do Estado Novo, Volume II, p. 964).

o Teatro Novo, os Comediantes de Lisboa e a companhia de Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro (cf. Júnior, 1958: 271/ 272).

A Visita da Velha Senhora

Friedrich Dürrenmatt ficou conhecido fora do espaço suíço com a publicação de dois romances policiais, *Der Richter und sein Henker* (1950) [O juiz e o seu carrasco] e *Der Verdacht* (1951) [A suspeita]⁷². Todavia, o primeiro grande sucesso como dramaturgo viria a ser *Der Besuch der Alten Dame* [A Visita da Velha Senhora] em finais dos anos 50, coincidindo com os anos de alguma abertura na censura portuguesa, principalmente devido à vitória das democracias, que pareceu anunciar o fim do regime⁷³, o que permitiu a entrada da peça no nosso país em 1960.

O ponto de partida para a representação da peça em Portugal parece ter sido uma sugestão feita pelo encenador espanhol Cayetano Luca de Tena (1917-1997) que em carta a Amélia Rey Colaço (1898-1990), datada de 28 de Dezembro de 1958, escreve: “Talvez me decida a hacer *Deseo Bajo los Olmos*⁷⁴, - si la censura la autoriza – o *La Visite de la Vielle Dame* – Por cierto, si no conoce Usted esta obra le recomiendo que la lea. Yo la encuentro extraordinária.” (Santos, 1989: 228). Seja por esta sugestão ou por iniciativa da própria Amélia Rey Colaço - que procurava sempre manter-se informada quanto às representações teatrais fora de Portugal, principalmente em França, onde esta peça se estreou em 27 de Fevereiro de 1957, no teatro parisiense *Théâtre Marigny* –, o certo é que esta peça de teatro se estreou em Lisboa em 7 de Março de 1960.

A tradução desta obra para o Português foi feita pelo poeta, dramaturgo e locutor Olavo d’Eça Leal (1908-1976), em 1960, a partir da tradução e

⁷² Tradução minha.

⁷³ cf. Dicionário de História do Estado Novo, Volume II, p. 966.

⁷⁴ Peça de teatro do norte-americano Eugene O’Neill (1888-1953).

adaptação francesa – *La visite de la vieille dame* (1956) - traduzida para o Francês por Jean-Pierre Porret e editada pela *Flammarion*.

Gostaria de recordar aqui que Olavo d’Eça Leal nasceu em Lisboa, mas ainda criança foi para Paris, onde recebeu parte da sua educação. A sua adolescência passou-a em Portugal, mas voltou outra vez a Paris, onde exerceu vários ofícios, entre eles o de desenhador num estúdio de cinema, fixando-se, por fim, em Lisboa⁷⁵. Foi, certamente, o domínio da língua francesa que habilitou este escritor a fazer a transposição da obra para o Português a partir da tradução francesa, o que demonstra a importância da tradução indirecta na chegada da primeira peça de Friedrich Dürrenmatt a Portugal.

A encenação desta peça coube ao espanhol Cayetano Luca de Tena, encenador de grande renome de então no nosso país, e a cenografia ficou a cargo de Lucien Donnat. As personagens principais foram interpretadas por Amélia Rey Colaço (Claire Zachanassian) e por Erico Braga (1889-1962) [Alfred III].

O texto foi publicado, ainda no mesmo ano, em livro, em tradução a partir da tradução francesa, no entanto, com a revisão feita a partir do texto original⁷⁶. Mais tarde, em 1965, viria a ser publicada uma segunda tradução da peça⁷⁷, feita directamente do original.

A peça subiu aos palcos portugueses três vezes (a partir de 7 de Março de 1960 no Teatro Nacional D. Maria II em Lisboa, a partir de 20 de Outubro de 1960 no Cine-Teatro S. João no Porto e a partir de 19 de Maio de 1967⁷⁸ no Teatro Avenida em Lisboa) e teve, à semelhança do que aconteceu nos outros países, um grande impacto junto dos seus espectadores, seguida de uma recepção, em geral, muito positiva e entusiástica.

⁷⁵ cf. contracapa de: Olavo d’Eça Leal, “O processo arquivado e outras novelas”, Editorial Ibérica, Porto, 1948.

⁷⁶ Revisão feita por Rosário Corte-Real a partir do texto original.

⁷⁷ Tradução feita por Irene Issel e Jorge de Macedo.

⁷⁸ Nesta representação o papel de Alfred III foi desempenhado pelo actor João Guedes (1921-1983), que substituiu Erico Braga, falecido em 1962.

A estreia absoluta da peça no Teatro Nacional D. Maria II foi amplamente divulgada nos principais diários da capital. O *Diário de Lisboa*, por exemplo, anuncia a vinda da peça para Portugal, logo em 20 de Fevereiro de 1960, num artigo inserido na sua conhecida rubrica “Teatros e Cinemas”, descrevendo Dürrenmatt como sendo

um dos mais importantes escritores da língua alemã actual. Tem apenas 39 anos, mas as suas peças são representadas em todo o Mundo, de Moscovo a Tóquio, de Paris a Nova York. Quando da estreia na capital francesa, há três anos, pela companhia Grenier-Hussenot, a sua obra mais representativa «A visita da velha senhora», conquistou o «Prémio Molière».

Esta descrição foi retirada, como explica o articulista, do jornal francês “L’Express” e foi redigida pelo conceituado jornalista e autor suíço Franck Jotterand (1923–2000), que era, por esta altura, correspondente cultural em vários jornais franceses. Verificámos deste modo que, além de esta peça ter sido traduzida a partir de uma adaptação francesa, era prática corrente, a elite intelectual portuguesa, incluindo neste grupo os jornalistas, recorrer a publicações estrangeiras, nomeadamente às francesas, para preencher as lacunas existentes neste campo no Portugal de então.

No dia seguinte à estreia, e ainda no mesmo *Diário de Lisboa*, surge outro texto incluso na mesma rubrica, intitulado «A visita da velha senhora», no *Nacional*, escrito pelo conhecido autor e crítico teatral Urbano Tavares Rodrigues (1923-), onde este analisa exaustivamente a peça.

Convém aqui lembrar que Urbano Tavares Rodrigues se licenciou, em 1949, em Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, mas, por motivos políticos, foi impedido de exercer a docência, trabalhando por isso como leitor de Língua Portuguesa, entre 1949 e 1955, em diversas universidades francesas. Depois de regressar a Portugal, leccionou em liceus e foi assistente na FLUL de 1957-1959. Além disso, foi colaborador em várias publicações (como, por exemplo: *Bulletin des Études Portugaises*, *Colóquio-Letras*, *JL-Jornal de Letras, Artes e Ideias*, *Vértice*, *Nouvel Observateur*, etc.), director da revista *Europa*, redactor principal do *Jornal de*

Letras e Artes, jornalista de *O Século* e de *O Diário de Lisboa* (onde, aliás, iniciou a sua carreira de jornalista) e membro da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores (1959-1960).

Uma vez que a estreia absoluta da peça teve lugar em Zurique em 1956, pouco depois do regresso deste crítico teatral a Portugal, creio que podemos partir do princípio de que o articulista, durante a sua estada em França, tomou contacto com a obra dürrenmattiana então já lá conhecida, o que lhe permitiu obter o conhecimento profundo sobre o autor suíço que demonstra ter neste artigo.

O jornal *O Século* publica, no dia 7 de Março de 1960, um texto anónimo, intitulado *Esta noite na D. Maria II a estreia da farsa trágica «A Visita da Velha Senhora»*, onde se encontra uma citação que está integrada, quase *ipsis verbis*, na primeira edição portuguesa em livro de *A Visita da Velha Senhora* de 1960. É possível que tenha feito parte do programa de teatro em Março de 1960 ou poderá também ter sido retirada de algum jornal ou programa de teatro estrangeiro, provavelmente francês, e traduzido para o português, uma vez que a peça por esta altura, já tinha sido representada, com grande êxito, em Paris.

Também o diário *República* edita, no dia 8 de Março de 1960, um artigo intitulado *No Teatro Nacional: «A visita da velha senhora»*, redigido pelo jornalista L.O.G., sobre o qual nada consegui apurar. Este texto também apresenta semelhanças com o excerto da primeira edição em português acima referida. É de supor que o articulista deste marco recepcional também tenha lido a mesma passagem que o autor que redigiu o texto publicado no dia anterior no diário *O Século*.

Mas nem todos os testemunhos recepcionais foram tão positivos como os dos diários lisboetas. Num artigo intitulado *Do Teatro*, do conhecido crítico de Teatro Carlos Porto (1930-), publicado na prestigiada revista literária “Bandarra, Artes e Letras” na Primavera de 1961, Carlos Porto refere-se a esta peça como sendo “um espectáculo digno, sério, que merece os nossos aplausos, senão incondicionais, pelos menos calorosos,” mas salienta que “não se trata, com certeza e ao contrário do que dizia a publicidade, da melhor realização mundial da referida peça.” Isto porque “pude vê-la em Madrid,

numa encenação de José Tamayo, um espectáculo incomparavelmente [sic] superior.”

Conclusão

Após um exaustivo estudo (cf. Moura, 2007) da obra de Friedrich Dürrenmatt existente em Portugal, verifiquei que uma pequena parte das obras de Friedrich Dürrenmatt foi traduzida para o português e foi representada nos teatros portugueses, beneficiando também da oportunidade que Portugal teve, a partir do 25 de Abril, de representar nos palcos textos que até então eram proibidos.

No total, de Dürrenmatt encontram-se traduzidas para o português sete peças de teatro⁷⁹, três romances policiais⁸⁰, duas peças de teatro editadas em livro⁸¹, três contos⁸² e uma novela⁸³.

A mudança de regime político em 1974 não veio aumentar o número de traduções e peças de teatro deste dramaturgo representadas em Portugal. Antes pelo contrário, até 1974 tinham sido levadas à cena quatro peças de teatro em 11 anos (de 1960 a 1971) e desde então apenas mais três peças subiram aos palcos portugueses (em 25 anos [de 1981 a 2006]).

Este fenómeno, e apesar de as Comissões de censura estarem extintas, o direito de expressão restabelecido e o Movimento das Forças Armadas ter fixado na altura as condições necessárias para a resolução dos problemas que afligiam o teatro português, explica-se pelo facto de a abolição dos monopólios de produção e exploração teatral continuar desacompanhada e de haver uma ampla descentralização da actividade dramática.

⁷⁹ “A Visita de Velha Senhora” (1960), “O Outro” (1961), “A dança da morte em doze assaltos” (1970) [“Play Strindberg” (1990)], “O processo da sombra de um burro (1970), “Os Físicos” (1971), “Rómulo” (1981), e “O Colaborador” (2001).

⁸⁰ “A promessa” (1964), “Justiça” (1987) e “O juiz e o seu carrasco” (1993).

⁸¹ “A Visita de Velha Senhora” (1960) e “Os Físicos” (1965).

⁸² “O Crepúsculo do Outono” (1962), “O acidente” (1963) e “O Túnel” (1991).

⁸³ “A Missão: ou da observação do observador dos observadores” (1989).

Assim, e embora, por um lado, tivessem sido eliminadas as barreiras administrativas que impediam a representação das obras mais significativas da dramaturgia da época, a supressão da censura nada ou muito pouco resolveu, pois continuavam a faltar as companhias de teatro, um público mais vasto e os meios para levar as peças em cena (cf. Rebello: 1977: 12).

Por outro lado, e como Redondo Júnior já tinha afirmado anteriormente e em relação aos anos 50, os empresários continuavam sem escrúpulos, aproveitando-se agora “da liberdade alcançada para montar espectáculos baixamente pornográficos ou grosseiramente reaccionários, em descarada (e impune) violação do Programa do MFA – lei constitucional do país até à promulgação da Constituição de 1976” (Rebello, 1977: 13).

Além disso, tive a oportunidade de constatar que as primeiras peças deste escritor suíço foram traduzidas para o português a partir da língua francesa e, assim, seguiram o trajecto comum que as obras de língua estrangeira percorriam, entre a década de 50 e 70, para chegar ao nosso país.

Creio, e salientando a importância que a tradução por via indirecta teve na recepção da obra literária de Friedrich Dürrenmatt em Portugal, que os textos traduzidos para o francês foram, na sua qualidade de texto intermediário, uma ajuda preciosa na chegada da obra dürrenmattiana a Portugal. No entanto, penso que não podemos afirmar, como Tânia Campos o fez em relação ao dramaturgo sueco August Strindberg (cf. 2005: 107), que, sem os textos intermediários, o escritor suíço não teria chegado tão cedo a Portugal. Para isso basta lembrar que *A Visita da Velha Senhora* foi editada em livro ainda em 1960, e embora o texto se apoiasse em grande medida na tradução existente de Olavo d’Eça Leal, também foi confrontado com o original alemão pela tradutora Rosário Corte-Real.

No entanto, pressuponho – e isto muito devido à impossibilidade de obter mais informações sobre a origem das traduções – que até à representação da peça *Play Strindberg*, em 1990, as peças de teatro de Friedrich Dürrenmatt eram traduzidas a partir do francês, o que era prática comum para os autores de língua alemã, como já Christine Zurbach teve oportunidade de esclarecer em relação ao repertório teatral do CCE (Centro Cultural de Évora) [cf. Zurbach, 2002: 412].

Bibliografia

[ANÓNIMO], “Teatros e Cinemas”, in: *Diário de Lisboa*, 20/02/1960.

[ANÓNIMO], “Esta noite na D. Maria II a estreia da farsa trágica «A Visita da Velha Senhora»”, in: *O Século*, 07/03/1960.

CAMPOS, Tânia, 2005, “Tradução Indirecta: Sintoma das relações entre literaturas – A recepção do teatro de August Strindberg em Portugal”, Volume I e II, Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora.

DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DO ESTADO NOVO, 1996, Volume I e II, Direcção de Fernando Rosas e J.M.Brandão de Brito, Venda Nova, Bertrand Editora, Lda.

DÜRRENMATT, Friedrich, 1960, “A Visita da Velha Senhora – Tragicomédia”, Tradução de Olavo d’Eça Leal e revisão de Rosário Corte-Real, Teatro no Bolso, Lisboa, Contraponto.

_____ 1965, “A Visita da Velha Senhora: Comédia trágica, com posfácio – Os Físicos”, Tradução de Irene Issel e Jorge de Macedo, Lisboa, Portugália Editora.

_____ 1998, “Der Besuch der alten Dame – Eine tragische Komödie – Neufassung 1980“, *Werkausgabe in siebenunddreißig Bänden*, Band 5, Zürich, Diogenes.

JÚNIOR, Redondo, 1958, “Encontros com o Teatro”, Lisboa.

L.O.G., “No Teatro Nacional: «A visita da velha senhora»”, in: *República*, 07/03/1960.

MOURA, Micaela, 2007, “Recepção e Tradução da Obra de Friedrich Dürrenmatt em Portugal”, Tese de Mestrado, Universidade do Porto.

PORTO, Carlos, “Do Teatro”, in: *Bandarra, Artes e Letras*, Primavera 1961.

REBELLO, Luiz Francisco, 1977, “Combate por um teatro de combate”, Lisboa, Seara Nova.

RODRIGUES, Urbano Tavares, “«A visita da velha senhora», no Nacional”, in: *Diário de Lisboa*, 08/03/1960.

SANTOS, Vítor Pavão dos (Seleção e Notas), 1989, “A companhia Rey Colaço Robles Monteiro (1921-1974) Correspondência, Documentos do Museu Nacional do Teatro.

VILAS-BOAS, Gonçalo, 2003, “Literatura Suíça em Portugal – Uma bibliografia provisória”, in: *Representações do Mundo na Literatura Suíça do século XX* (Coord.: Gonçalo Vilas-Boas), Cadernos do CIEG no. 9, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos, pp. 69-80.

ZURBACH, Christine, 2002, “Tradução e Prática de Teatro em Portugal entre 1975 – 1988), Lisboa, Edições Colibri.